

O folheto *Mis Proclamas*, de Juana Rouco Buela, a circulação de impressos anarquistas e a propaganda entre as mulheres

The pamphlet Mis Proclamas, by Juana Rouco Buela, the circulation of anarchist prints and the propaganda among women

Angela Maria Roberti Martins

 <https://orcid.org/0000-0002-5006-688X>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ingrid Souza Ladeira de Souza

 <https://orcid.org/0000-0001-6789-7893>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Tendo como referência a atuação da libertária Juana Rouco Buela no seio do movimento anarquista que se desenvolveu na América do Sul nas décadas iniciais do século XX, com destaque à Argentina, o artigo problematiza a dinâmica de edição e circulação de impressos anarquistas no corredor andino-platense, colocando em destaque o Editorial Lux, do Chile, e a edição do folheto *Mis Proclamas*. Encaminha-se, também, no sentido de avaliar o papel desempenhado pela escrita libertária de Buela não só na propaganda do anarquismo, mas como incitadora da ação direta. O folheto, destinado às mulheres, visa a divulgação das questões e análises da autora, as quais apresentam preocupação claramente opinativa, na tentativa de sensibilizar as leitoras para a causa anarquista e sua luta contra a tirania do Estado, a exploração do Capital e a opressão social. Repleta de opiniões e posições, as ideias explicitadas em *Mis Proclamas* encontram-se permeadas de valores, constituindo um campo de tensão no qual se percebem variadas referências a determinados temas que foram privilegiados no debate entre os anarquistas, entre eles colocamos em destaque a desigualdade social, os conflitos de classes e o feminismo.

Palavras-chave: Juana Rouco Buela. Impressos anarquistas. Militância feminina.

Abstract: Taking as a reference the work of the libertarian Juana Rouco Buela within the anarchist movement that developed in South America in the early decades of the 20th century, with emphasis on Argentina, the article discusses the dynamics of editing and circulation of anarchist publications in the Andean- platense, highlighting the Editorial Lux, from Chile, and the edition of the booklet *Mis Proclamas*. It is also directed towards evaluating the role played by Buela's libertarian writing not only in the propaganda of anarchism, but as an inciter of direct action. The pamphlet, aimed at women, aims to disseminate the author's questions and analyses, which present a clearly opinionated concern, in an attempt to sensitize readers to the anarchist cause and its fight against the tyranny of the State, the exploitation of Capital and oppression. Social. Filled with opinions and positions, the ideas explained in *Mis Proclamas* are permeated with values, constituting a field of tension in which various references to certain themes that were privileged in the debate between anarchists are perceived, among them we highlight social inequality, class conflicts and feminism.

Keywords: Juana Rouco Buela. Anarchist prints. Female militancy.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

O artigo problematiza o folheto feminino anarquista *Mis Proclamas*, escrito pela libertária Juana Rouco Buela e publicado pelo Editorial Lux, do Chile, em 1924, na dinâmica de todo um movimento de edição e circulação de impressos anarquistas destinados, entre outros, ao aporte propagandístico.

Compreender a inserção de Juana — mulher, imigrante, operária e militante — nessa dinâmica de escrita libertária, impressão e circulação de impressos, bem como avaliar as estratégias mobilizadas pelos anarquistas no corredor andino-platino com vistas à ação propagandística, em especial entre as mulheres, faz parte dos objetivos do artigo.

Nosso ponto de partida é compreender o percurso e a atuação de Juana Buela no movimento anarquista. Para tanto, recorreremos à sua produção autobiográfica, não como objeto de nossas reflexões, mas como documento capaz de fornecer indícios tanto do ambiente político e da atmosfera cultural do período, quanto de certas dimensões do passado anarquista na região, com destaque ao papel desempenhado pelas mulheres na propaganda das ideias libertárias.

Nesse olhar, que é o nosso, estamos preocupadas em (re)encontrar a figura de Juana Buela, os acontecimentos, as experiências que foram os dela na história, a perspectiva que assume seu registro, como ela expressa tal perspectiva, como dá significado a sua trajetória, com vistas a compreender como ela própria percebeu, sentiu e experimentou acontecimentos, situações e relações, com as quais teve de lidar e enfrentar (GOMES, 2004, p. 15).

Esse movimento não se esgota no relato autobiográfico de Buela; vai além, imiscuindo-se nas práticas de produção, edição e circulação de folhetos, colocando em destaque o Editorial Lux e sua contribuição à propaganda anarquista no eixo Santiago-Buenos Aires, como parte de uma rede de conexões e comunicações que atravessavam o espaço geográfico de alguns países da América Latina.

Por fim, abordamos o opúsculo *Mis Proclamas* propriamente dito, a fim de compreender a importância do folheto no contexto de sua produção e circulação, bem como avaliar a escrita libertária de Buela, suas ideias no diálogo que propõe com as *hermanitas*, a fim de torná-las rebeldes, transformá-las em anarquistas, engajadas na luta contra a tirania do Estado, a exploração do capital e a opressão social.

Juana Rouco Buela: percurso e atuação de uma militante anarquista

A trajetória do movimento anarquista interpenetra-se, em muitos casos, com o processo de imigração de massa para o continente americano no período 1880/1890-1920-1930. Os perfis de homens e mulheres e os motivos que os levaram a optar pela emigração se distinguiram desde o final do século XIX. Os anarquistas apresentavam múltiplos perfis migratórios, muitos sequer conheciam o projeto político ácrata quando encararam longas viagens pelo Atlântico, tornando-se anarquistas em solo latino-americano, nas sociedades de destino. Outros, como o italiano Oreste Ristori, já atravessaram o oceano pretendendo propagar o ideário anarquista. O Rio da Prata foi um forte centro receptor dessa migração Atlântica, tornando Buenos Aires e Montevidéu, por exemplo, cidades atrativas aos migrantes vindos, principalmente, da Itália, Espanha, França e Alemanha.

A história de Juana Rouco Buela confunde-se, em vários momentos, com a das migrações, perseguições e do próprio movimento anarquista no espaço atlântico sul-americano. Essa “aventura” teve início em 24 de julho de 1900, data em que Juana R. Buela

e sua mãe viúva desembarcam no porto de Buenos Aires estimuladas pelo irmão Ciriaco Rouco Buela, que já residia em terra portenha, procurando concretizar a conhecida ideia de “uma vida melhor”. O movimento migratório feito por Juana Rouco, que contava apenas 11 anos, e sua mãe é conhecido como reagrupação familiar, estimulada, em grande medida, pelo parente mais próximo que emigrava primeiro.

Analfabeta, filha de operários, Juana foi ensinada pelo irmão Ciriaco em solo argentino e ingressou no mercado de trabalho ainda adolescente para ajudar na precária situação financeira em que a família vivia. Em sua autobiografia, publicada como livro, em Buenos Aires, no ano de 1967, pela Editora Reconstruir, ela oferece ao leitor uma rara oportunidade ao conferir um rosto feminino a uma parte da história do anarquismo, geralmente povoada de homens.

Na obra, intitulada *História de um ideal vivido por uma mulher*, Rouco Buela afirma que foi a partir do ambiente de trabalho, desenvolvido em oficinas têxteis, que se aproximou das reuniões e assembleias promovidas por grupos de trabalhadores, interessando-se, prioritariamente, pelos problemas sociais da época. Mobilizada pelas questões problematizadas pelo movimento operário, “descobriu” o anarquismo em uma manifestação de Primeiro de Maio, quando tinha apenas 15 anos. Juana Rouco narra os acontecimentos da seguinte maneira:

[...] En 1904, se realizo un mitin el día 1º mayo, organizado por la Federación Obrera Regional junto con el partido Socialista. Después de un recorrido por algunas calles de la ciudad, nos concentramos en la Plaza Mazzini, y antes de que hablaran los oradores que habían sido designados, el escuadrón de seguridad de la policía atacó a los manifestantes y los baleó. [...] El compañero muerto era del gremio de peluqueros y se llamaba Ocampo. Se le estaba velando, cuando la policía obligó a que entregaran el cuerpo, por lo que no pudo dársele sepultura. [...] (ROUCO BUELA, 2012, p. 27).

Sua inserção na *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA) lhe rendeu a participação no congresso de 1905, com a credencial fornecida pelo militante Francisco Llaqué, e a interação com anarquistas que há muito militavam no espaço rio-platense (ROUCO BUELA, 2012, p. 28). Sua capacidade de oratória chamou atenção dos dirigentes de sociedades de resistência locais, ampliando sua rede de contatos e a aproximando de mulheres anarquistas como Virginia Bolten, Teresa Camporaletti, Marta Newelstein, entre outras. O interesse pelas questões que envolviam as mulheres começou a aparecer em seu horizonte de militância. E as interações com Bolten e outras militantes femininas foram basilares para formação do *Centro Femenino Anarquista*, fundado em Buenos Aires, no ano de 1907.

A atuação de Juana Rouco nas manifestações organizadas pelos anarquistas se intensificou no ano de 1907, cuja conjuntura econômica, política e social foi determinante para a eclosão da Greve de Inquilinos. A participação do Centro Femenino Anarquista foi publicizada em vários periódicos da época, destacando as conferências inflamadas que Virginia Bolten e Juana Rouco Buela proferiram (MARTINS; SOUZA, 2019, p. 307). À medida que a greve foi se espalhando pela Argentina, a mobilização popular ultrapassou as barreiras de reivindicações dos inquilinos e despertou categorias de trabalhadores que fortaleceram as fileiras grevistas.

As autoridades policiais iniciaram, a partir dos acontecimentos de 1907, uma implacável repressão ao movimento grevista e seus integrantes. Sob o comando do chefe

de polícia Ramón Falcón e respaldados pela *Ley de Residencia*, aprovada em 1902, as instâncias policiais iniciaram um processo de perseguição, prisão e deportação dos anarquistas estrangeiros, principalmente daqueles que estiveram à frente de conferências, como os espanhóis Juana Rouco Buela e José de Maturana, e a uruguaia, María Collazo.

Considerados inimigos do Estado e ameaças para a ordem social, os expulsos tinham como destino seus países de origem. Contudo, não faltam histórias de anarquistas que retornaram ao Rio da Prata depois de burlarem as autoridades portuárias e desembarcarem antes do destino. Os expulsos através do porto de Buenos Aires encontravam em Montevideu refúgio em agrupações ácratas e espaço para seguirem com suas atividades militantes. Oreste Ristori, por exemplo, é conhecido por ter pulado do navio quando se aproximava o porto de Montevideu (SOUZA, 2021, p. 340-341).

Natural de Madri, na Espanha, Juana Rouco Buela, então com 18 anos, seguiu viagem até Barcelona onde desembarcou em janeiro de 1918, sendo recepcionada pela polícia local que a manteve detida por cerca de 48 horas. Sua chegada a Barcelona mobilizou também o movimento anarquista local, cuja recepção a Rouco Buela foi organizada pela libertária Teresa Claramunt, inserindo a recém-chegada nas redes de militância europeia. A estada de Buela na Europa foi repleta de altos e baixos, com passagens pelas cidades de Marselha e Gênova, e cuja permanência é finalizada com o sonhado retorno ao Rio da Prata, desta vez a Montevideu.

O regresso ao espaço rio-platense colocou Juana Rouco Buela novamente em contato com grupos anarquistas formados por deportados da Argentina e que encontraram em Montevideu um abrigo da *Ley de Residencia* e da “caça às bruxas” chefiada por Ramón Falcón. A volta proporcionou a convivência com velhos companheiros e companheiras, como Virginia Bolten, e viabilizou a fundação de um jornal dirigido pela dupla (Bolten-Buela), reunindo conteúdo ideológico e literário, que visava enfrentar os problemas e polêmicas do anarquismo rio-platense (MARTINS; SOUZA, 2019, p. 315). A experiência à frente da folha *La Nueva Senda* (1909-1910) durou muito pouco para Juana Rouco, expulsa mais uma vez, ainda em 1909, sob acusação de incitação da ordem pública após as grandes manifestações contra o fuzilamento do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Passado o bastão para Virginia Bolten, restou a Juana Rouco ser representante do jornal em La Plata, cidade em que se refugiou após a fuga de Montevideu.

Militando em La Plata, Juana Rouco passou a organizar reuniões e conferências na cidade, principalmente por conta da aproximação do Centenário da Independência da República Argentina. A FORA vislumbrou a possibilidade de declarar uma série de greves locais que poderiam se transformar em uma greve geral revolucionária, apostando na pressão dos trabalhadores sobre o governo e barganhando pela libertação dos militantes presos após os levantes de maio de 1909 e o assassinato de Ramón Falcón em novembro do mesmo ano. As tentativas de início de uma greve geral não foram bem-sucedidas, apesar da forte colaboração de diferentes sindicatos de tendência anarquista. Ainda assim, conseguiram atrapalhar as comemorações do Centenário. A presença de Juana em diferentes atos resultou, mais uma vez, em sua detenção e posterior extradição para o Uruguai, onde era procurada após a fuga de outubro de 1909.

A chegada a Montevideu foi ao som das manifestações organizadas por diversos militantes e da confusão no porto pelo confronto entre polícia e manifestantes. O próprio desembarque de Rouco Buela não foi concluído por ordem do governo montevidense, que alegava o alto grau de periculosidade da militante para a sociedade (MARTINS; SOUZA, 2019, p. 320; SOUZA, 2021, p. 354). Do barco, foi direto para uma prisão de mulheres. Após

meses de protestos e de processo, Juana Rouco foi libertada da prisão e permaneceu em Montevideu até 1914.

Os ares repressores do espaço rio-platense não pareciam estar agradando à militante, que aproveitando-se das redes de contatos fortalecidas por sua passagem pela Europa, embarca, em 1914, para Paris em busca de uma colocação no movimento anarquista daquela cidade. Assim como muitos anarquistas, Juana Rouco viajou para Europa de forma clandestina e acabou obrigada pelo capitão do navio a desembarcar na cidade do Rio de Janeiro, enfrentando a barreira da língua e a cidade desconhecida. As redes de militância Atlânticas lhe foram úteis quando precisou se instalar na, então, capital brasileira, obtendo apoio financeiro da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), próxima da FORA, e posteriormente se inserindo no mercado de trabalho carioca. Valendo-se, então, de uma boa performance como oradora, participou de eventos patrocinados pela FORJ, frequentou os salões do Centro Cosmopolita e se engajou na campanha antimilitarista estimulada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Ainda no Brasil, Juana Rouco Buela publicou artigos em diversos jornais, fazendo parte dos círculos de discussão de José Oiticica. Como aconteceu em Buenos Aires, Montevideu e Barcelona, a anarquista chamou atenção das autoridades policiais do Rio de Janeiro e acabou detida enquanto realizava uma conferência no Centro Cosmopolita, passando alguns dias presa para averiguação e interrogatório. As dificuldades criadas pela polícia e o agravamento da situação econômica decorrente da guerra incentivaram a volta para a Argentina depois de quatro anos, embarcando no porto do Rio de Janeiro rumo a Buenos Aires.

O final dos anos 1910 e o início de 1920, tanto para Juana Rouco quanto para o movimento anarquista rio-platense, trouxe enormes desafios. A experiência da Revolução Mexicana, o impacto da Primeira Guerra Mundial e o advento da Revolução Russa transformaram o Rio da Prata em um campo de possibilidades para a consolidação de uma Revolução Social encabeçada pelos anarquistas. A FORA incentivou, em 1919, o início de várias greves entre as categorias, como os metalúrgicos, que iniciaram um piquete na entrada dos locais de trabalho, marcando o período mais violento enfrentado pela organização. Vigida pelas autoridades policiais, Juana Rouco participou de vários atos do que ficaram conhecidos como Semana Trágica, sendo obrigada a mudar de residência e cidade durante alguns meses.

Após breve estada em Rosário, e novamente fixar moradia em Buenos Aires, Rouco Buela volta a se engajar nas atividades da FORA e a participar das turnês de propaganda promovidas pela entidade e financiadas por grupos anarquistas de várias províncias argentinas. Corria o ano de 1921, quando essas turnês de propaganda estreitaram os contatos com militantes do interior e proporcionaram a ida da espanhola para Necochea, na província de Buenos Aires, onde conheceu as anarquistas Fidela Cuñado, María Fernández e Terencia Fernández.

Necochea, o lugar ideal, segundo a própria Juana Rouco, para fundação do periódico *Nuestra Tribuna*, em 1922. A necessidade de um jornal que representasse as mulheres anarquistas e capacidade de trabalho do grupo local formaram o cenário ideal para um mergulho na imprensa anarquista, enfrentando os problemas de apoio, o financiamento e as críticas dos próprios integrantes do anarquismo, em sua maioria homens. A coesão do grupo editor transformou o jornal em um porta-voz das mulheres no Rio da Prata, estendendo suas conexões para diferentes pontos dos continentes americano e europeu.

A trajetória de Juana Rouco esteve baseada nas circulações e conexões que fez ao

longo de sua vida militante, transformando as adversidades em oportunidades para divulgação do ideal anarquista. Sua militância foi marcada por contradições, polêmicas, altos e baixos, mas também pelo engajamento decidido nas lutas. A confiança em sua própria capacidade de transmitir ideias através de conferências e escritos, como *Mis Proclamas*, e a crença no anarquismo, como Ideal, até o fim de sua vida, revelam sua determinação como testemunha da experiência feminina do anarquismo. Por meio de uma análise de suas circulações, notamos como as mulheres se inseriam nas redes de militância, dinamizando as próprias experiências femininas anarquistas e convertendo-as em peças fundamentais para o anarquismo no Rio da Prata.

Os folhetos anarquistas e suas circulações: breves considerações sobre o caso chileno e o Editorial Lux

Ao longo da história do movimento anarquista, todo um esforço de incentivo à escrita e à leitura foi incorporado às práticas militantes, com a intenção de formar novos indivíduos, homem e mulher livres, promovendo o despertar das consciências e o engajamento na luta pela transformação radical das estruturas socioeconômicas e políticas existentes. As leituras comentadas ocupavam destaque na militância libertária, aquecendo a circulação de impressos, como jornais, livros, folhetos, panfletos, a formação de bibliotecas ácratas e as conexões com redes de militância transnacionais (LAGOS MIERES, 2014, p. 1-2). O fluxo de militantes, inerentes ao anarquismo, facilitaram a interação entre os grupos produtores de folhetos que estavam engajados em traduções, proporcionando uma difusão integrada entre os movimentos anarquistas da Argentina, Uruguai, Chile e Brasil.

Nos primeiros anos do século XX, os folhetos e livros que circularam no Chile, sobretudo em Santiago e Iquique, foram produzidos por grupos estrangeiros, principalmente argentinos, e distribuídos por militantes que transitavam no corredor Buenos Aires-Santiago. A difusão de impressos a partir de Buenos Aires tornou-se tão significativa que os escritos elaborados por militantes e impressos em oficinas gráficas portenhas dominaram a cena anarquista chilena, modificando, portanto, a geografia dos impressos no país andino (PEÑA CASTILLO, 2021, p. 38).

A circulação de impressos, sobretudo dos folhetos, permitiu à historiografia redesenhar outros espaços transnacionais de militância, que não passavam necessariamente pela conexão com o continente europeu. A historiadora María Migueláñez Martínez (2018) destacou que, a partir dos anos de 1910, os fluxos regionais se concentraram mais na região conhecida como “Norte Grande”, que conectava as fronteiras bolivianas, peruanas e chilenas aos portos do Pacífico (MIGUELÉÑEZ MARTÍNEZ, 2018, p. 37-38). Buenos Aires seguiu como um dos pontos difusores de impressos, porém, o espaço andino começou a ampliar sua capacidade de transmissão de material impresso, desmontando-se a noção de uma troca unilateral¹:

[...] esta transmisión de material impreso no fue siempre unilateral. Hacia 1920, a medida que la capacidad productiva alcanzada por los grupos de propaganda en Chile se consolidaba, copias de algunos folletos editados localmente fueron destruidos en España y Argentina. De esta forma, mientras el anarquismo se asentaba en Chile a principios del siglo XX, y sus componentes ideológicos iban adquiriendo mayor definición, la recepción de las discusiones Internacionales fue realizada con una escasa

¹ Para mais informações sobre as relações Chile e Bolívia no espaço andino ver: MARGARUCCI; GODOY SEPÚLVEDA, 2018.

reinterpretación a nivel local. [...] (PEÑA CASTILLO, 2021, p. 39).

As temáticas dos primeiros folhetos publicados no Chile transitavam entre a reflexão sobre os pressupostos teóricos do anarquismo, a emancipação da mulher, a sexualidade e as críticas às religiões. Estabelecendo uma comparação com outros países, percebe-se que os tópicos discutidos nos folhetos não se desvirtuaram das ideias gerais discutidas pelos militantes anarquistas em geral, guardadas as questões internas próprias a cada espaço geográfico. Além disso, os grupos editores buscaram mesclar a autoria dos folhetos editados, abrindo-se não só aos reconhecidos representantes do movimento anarquista internacional, como Emma Goldman, Enrico Malatesta e Piotr Kropotkine, mas a militantes que transitavam no espaço andino e rio-platense, como Juana Rouco Buela, María Álvarez, Isolina Bórquez e Gómez Rojas (PEÑA CASTILLO, 2021, p. 42; DOMÍNGUEZ RUBIO, 2017, p. 21-25).

O pesquisador Francisco Peña Castillo (2021) aponta o folheto escrito por Víctor Soto Román como o primeiro produzido e publicado no Chile. Soto Román transitou em diferentes frentes políticas e ideológicas, sendo apontado por pesquisadores como um personagem contraditório; porém, seu folheto *La Cuestión Social* possuía claras ideias anarquistas, reatualizando o debate sobre o direito de propriedade inspirado na obra de Pierre-Joseph Proudhon. O catálogo de folhetos ampliou-se à medida que o movimento anarquista chileno atingiu um panorama organizativo mais estável, mesmo sem uma completa consolidação das práticas de militância anarquista, como o crescimento de sociedade de resistências.

O impacto provocado pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa transformou o cenário de interação entre os espaços rio-platense e andino, impulsionado pelo crescimento de grupos chilenos dedicados à impressão e à divulgação de livros e folhetos anarquistas que tiveram recepção favorável nos circuitos entre Santiago-Iquique-Buenos Aires e Europa. As edições dos periódicos *La Agitación* e *La Batalla*, bem como dos folhetos editados pelos grupos Lux e Rebelión eram os principais impressos em circulação, sendo possível identificar exemplares em acervos de militantes na Argentina, no Uruguai e na Espanha e referências em periódicos dos pedidos para envio de novas remessas (LAGOS MIERES, 2014, p. 21).

A partir de 1918 e após a fundação, em 1919, na cidade de Santiago, da *Industrial Workers of the World* (IWW), a experiência dos grupos editores chilenos se fortaleceu com apoios mais estruturados que favoreceram a edição e a circulação de livros e folhetos. Como afirma Manuel Lagos Mieres, apesar de a conjuntura de repressão ter sido desfavorável à militância, o impulso produzido pela Revolução Russa teve como resultado o fortalecimento de espaços de propaganda e centro culturais ácratas (LAGO MIERES, 2014, p. 27-28; PEÑA CASTILLO, 2021, p. 48):

[...] la masificación de la cultura anarquista vía material impreso vendría de la mano tanto de los contactos internacionales y solidarios, como de la acción constante y tesonera de los grupos locales. Debemos destacar, respecto de esto último que, sobre todo, a partir de 1918, esta labor se intensificaría como nunca antes, generándose una serie de grupos especializados en la propaganda de edición de material “subversivo”, acompañado de la proliferación de una diversidad de grupos de afinidad que se abocarían igualmente a su distribución. [...] (LAGOS MIERES, 2014, p. 27).

O acesso dos militantes a oficinas gráficas facilitou a criação dos grupos editoriais,

ampliando, como afirma Francisco Peña Castillo, a autonomia da produção e possibilitando publicações simultâneas dos folhetos e livros. A oferta de títulos cresceu significativamente com a fundação dos editoriais *Lux*, *La Batalla*, *Luz y Libertad* e *Más Allá*. O editorial *Más Allá*, com sede em Valparaíso, por exemplo, publicou, em 1926, o folheto *Por qué somos Anarquistas?*, de autoria do italiano Saverio Merlino, que já havia sido publicado na cidade de São Paulo, Brasil.

O editorial *Lux* foi um dos empreendimentos que nasceram e se fortaleceram nesse contexto de mudanças no anarquismo chileno. Suas atividades estavam concentradas em Santiago, publicando entre 1920 e 1925 cerca de 20 títulos entre livros e folhetos. O objetivo central dos integrantes do *Lux*, que segundo Manuel Lagos Mieres eram estudantes, foi se firmar como um espaço de sociabilidade trabalhadora e anarquista.² As seções anarquistas da IWW apoiavam essa iniciativa através dos vínculos com Luis Armando Triviño, que integrava os dois grupos e mediava seus interesses em comum (HIRSCH, 2010, p. 255).

O primeiro folheto publicado pelo editorial foi a coletânea *El Cancionero Revolucionario* organizado pelo editor Armando Triviño e esgotado em poucos dias após o início da circulação. Os escritos selecionados eram poemas, cantos e contos anarquistas dirigidos aos trabalhadores e distribuídos em locais de trabalho, veladas³ e conferências. *Entre Campesinos*, de Enrico Malatesta e *El Sindicalismo Libertario*, de Ángel Pestaña e Salvador Seguí, foram publicados com a intenção de estimular reflexões mais teóricas nos leitores e leitoras, sobretudo o segundo desses folhetos, que reacendia a discussão da necessidade de organização dos trabalhadores.

Os folhetos tinham natureza distinta; alguns, como *El Sindicalismo Libertario*, reuniam uma série de conferências proferidas por seus autores, que foram compiladas pelo Editorial Lux com o propósito de ampliar a divulgação das ideias desses militantes. As mulheres ativistas, em especial as anarquistas, também estiveram contempladas nas publicações de três formas distintas: em um folheto organizado pelo grupo editor com os melhores textos de Rosa Luxemburgo, Emma Goldman, María Álvarez e Isolina Bórquez, intitulado *Voces de Liberación*; na publicação *El Comunismo en América*, reunião das conferências proferidas pela anarquista peruana Angelina Arratia; e, finalmente, com a publicação do folheto *Mis Proclamas*, que reuniu textos escritos pela anarquista Juana Rouco Buela.

O panfleto de Angelina Arratia reuniu conferências proferidas na Federación de Obreros de Imprenta e na IWW, instituições que reuniam trabalhadores e integravam o roteiro de circulação da peruana enquanto viveu entre Iquique e Santiago. Arratia foi apontada, inclusive pelo Editorial Lux, como uma mulher intelectualizada, crítica do sistema capitalista e com preocupação de difundir uma reflexão aprofundada sobre o anarquismo. O grupo Lux publicou na primeira página do folheto um editorial com uma breve explicação:

Esta mujer...He aquí una compañera que la editorial LUX presenta a sus camaradas lectores, los que, confiamos, han de saber apreciar en lo que se merece a este digno ejemplar de mujer. Hasta ahora habíamos visto que nuestras compañeras eran dentro de la aristocracia, un costoso objeto de lujo y una bestia de carga humilde y resignada, dentro de nuestro pueblo, Pero no habíamos encontrado hasta ahora ninguna que, abandonando su

² Esse plano da sociabilidade era constituído a partir de laços em que o afetivo e o ideológico se interpenetravam, visando a um propósito comum. Ver: SIRINELLI, 2003, p. 248-254.

³ Reunião de trabalhadores realizada no fim da tarde ou à noite para tratar dos assuntos de interesse da militância, na qual também ocorriam conferências, encenações teatrais, declamação de poemas, execuções musicais e outros.

lujo o su resignación, se atreviese a pensar, no en sus “penas inefables” o en sus “amores imposibles” fabricando versitos y pasando de mujer esquisita, siendo en verdad ridículas, sino como ser que Vive y que siente sobre el mundo en el cual actúa. Y siendo la compañera Arratia una mujer honrada, no ha podido menos que protestar de esta cosa canalla, a la cual los cínicos que se aprovechan de ella han dado en llamar “sociedad civilizada” Bien por la compañera y bien por la mujer chilena, que tiene ya un ejemplo que seguir. ¿Que más podríamos nosotros decir de ella? Ya podréis vosotros comentar la sencilla claridad con que va exponiendo su pensamiento, la lógica incontrarrestable de los hechos que os presenta. Esperamos, pues, que el mismo éxito que ha tenido dando conferencias dentro de nuestros principales centros de propaganda sociológica, ha detenerlo ahora que se ha aprisionado su palabra convencida y sincera en las páginas de un folleto. EDITORIAL LUX. Nota: Para hacer mas voceable el título de las conferencias de la compañerita Arratia, la hemos titulado “El Comunismo en América”. (*El Comunismo en América*, 1923, p. 1).

Apresentando Arratia como uma mulher que vivia e sentia o mundo em que atuava, sendo, por isso mesmo, uma crítica da “sociedade civilizada”, esperava-se que ela se tornasse um exemplo a ser seguido, estimulando, por suas palavras e ações, a formação de militantes comprometidos com a causa libertária.

Outros folhetos que faziam aprofundada reflexão acerca do anarquismo também foram publicados pelo Editorial Lux, com destaque para *Mi palabra Anarquista*, de Manuel Márquez, publicado em 1922; *La IWW en la teoría y en la práctica*, do integrante do grupo Armando Triviño, editado em 1925. Ainda em 1922, o grupo Lux decidiu realizar a tradução e publicação da clássica obra *La Conquista del Pan*, de Piotr Kropotkin, imprimindo 4.000 exemplares e distribuindo-os entre os principais grupos anarquistas do espaço transandino. Esse foi o segundo livro publicado pelo Editorial⁴ (PEÑA CASTILLO, 2021, p. 50).

Analisando os títulos e autores dos impressos editados pelo Editorial Lux, é possível perceber que o grupo não esteve focado somente na edição de folhetos que transcrevessem as conferências pronunciadas por militantes, como o de Angelina Arratia, nem tampouco em traduções, como as obras *Entre Campesinos* e *La Conquista del Pan*, folheto e livro, respectivamente, mas dedicou-se, também, a produções inéditas como os escritos de Manuel Márquez e Juana Rouco Buela.

A edição de *Mis Proclama* no Chile, estando Juana Rouco residindo na Argentina, é uma evidência da interação entre o espaço andino e o espaço rio-platense, das trocas e fluxos entre os grupos, proporcionando maior difusão na Argentina das edições do Editorial Lux e no Chile do periódico *Nuestra Tribuna*, do qual Juana Rouco era uma das integrantes do grupo editor.

O Editorial Lux fazia parte da iniciativa do Grupo para la Propaganda Internacional, fundado em 1922, na cidade de Buenos Aires, sediado na Calle Aguero, 390, e cujo secretário era Gervasio Díaz. O objetivo do grupo era ultrapassar as fronteiras políticas que demarcam os países sul-americanos com a intenção de unificar e facilitar a circulação de folhetos, livros, panfletos e periódicos que propagassem o ideário ácrata e promovessem uma união entre os movimentos anarquistas da Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru, Bolívia, Chile, Brasil, criando futuramente uma Internacional Anarquista Sul-americana (*El Grupo para la Propaganda Internacional*, circular nº 3, 1923).

⁴ O primeiro livro foi *Rebeldías Líricas*, de Gómez Rojas.

Um panorama do folheto *Mis Proclamas* e as polêmicas entre Juana Rouco Buela e o Editorial Lux

Entusiasmada pelas iniciativas encontradas em Necochea e pelo grupo de mulheres anarquistas que viviam na cidade, Juana Rouco Buela engajou-se na produção escrita, participando da fundação de um periódico de mulheres para mulheres, o *Nuestra Tribuna*. Da mesma forma, dedicou-se à elaboração do folheto *Mis Proclamas*, publicado, sob encomenda de Juana, pelo Editorial Lux de Santiago do Chile. Uma análise da cronologia das notas publicadas no periódico *Nuestra Tribuna* indica que o folheto *Mis Proclamas* foi publicado entre janeiro e maio de 1924, sua edição foi aguardada com ansiedade e entusiasmo pelo grupo editor do jornal, sobretudo por sua autora. A primeira nota publicada, em 31 de março de 1923, no periódico de Necochea trazia a seguinte informação:

Mis Proclamas. Con el título que nos sirve de epígrafe, la camarada Juana Rouco lanzará un folleto a la luz pública que será un poquito más de dinamita cerebral que se adhiere al vasto material rodante de la filosofía anarquista. "Mis Proclamas" es un folleto exento en absoluto de remilgosa literatura catedrática, porque ele está escrito en frases amargas y aciagas del dolor del pueblo, porque está sintetizado en el pensamiento anarquista, que pugna para abrirse paso en este lodazal en que vivimos. ¿Qué más decir para poner en conocimiento de nuestros compañeros y de nuestras queridas compañeras la próxima edición de un nuevo folleto, "Mis Proclamas" escrito por una mujer, por la compañera Rouco? Somos anarquistas y por ende, poco acostumbradas a exhibir una presentación (*Nuestra Tribuna*, 31 mar. 1923, p. 4).

O folheto reúne dezenove (19) escritos libertários dirigidos às mulheres com claro apelo a iniciativa pela emancipação feminina. A publicação conta com 32 páginas recheadas de temáticas caras ao anarquismo, como o antimilitarismo e a crítica às desigualdades sociais. Foi vendido por 0.20 pesos e distribuído por agentes parceiros do periódico, para quem o grupo editor concedeu 25% de desconto. Os pedidos de envio de pacotes com os folhetos também eram recebidos pelo jornal através de correspondências diretas, sem intermediários. Por decisão de Juana Rouco, o ganho financeiro com a venda do folheto foi revertido em benefício do *Nuestra Tribuna*, com o propósito de fortalecer as edições e ações promovidas pelo grupo editor. Uma nota do periódico anuncia a decisão de Rouco Buela com entusiasmo, enaltecendo a importância da leitura dos escritos e como as duas publicações passaram a se complementar:

[...] la compañera Rouco decidió dejar este folleto a total beneficio de esta hojita. Ella lo escribió y nos lo entregó para que su labor sea una ayuda para continuar sosteniendo la obra de Nuestra Tribuna, que abre brecha en la mente y el corazón de la mujer hasta hoy olvidada. Como los dijimos anteriormente, este folleto de la compañera Rouco carece de literatura escolástica. Con sencillez y sensibilidad esboza el pensamiento anarquista, hablándole al cerebro y al corazón de la mujer con sus vibrantes proclamas, para que ella se eleve y se dignifique. El beneficio de Mis Proclamas servirá para que esta hojita siga su marcha sin interrupción. [...] (*Nuestra Tribuna*, 15 jun. 1923, p. 1).

A tiragem combinada entre Juana Rouco e o Editorial Lux ficou em torno de 5 mil exemplares. O folheto foi pago com recursos do periódico *Nuestra Tribuna*, isto é, o Editorial ficou responsável apenas pela impressão, posterior divulgação e parte da distribuição dos escritos libertários. O *Nuestra Tribuna* teve, portanto, papel central na produção do *Mis*

Proclamas, atuando em uma frente de trabalho paralela.

[...] nuestro folletito ya está en preparación, está próximo a cruzar las cordilleras andinas y llegar a nuestras manos para así desparramarlo, fresquito, con olor todavía a tinta, entre todas nuestras compañeras y compañeros que ansian ya que él llegue a sus manos. Y bien. Nuestro folleto está a caminito a Necochea. Así nos lo dice una carta que hace días hemos recibido de la editorial “Lux”, de Chile, que es la encargada de editarlo. Además, como se sabe, este folletito es escrito por la compañera Juana Rouco e imprimido por cuenta de Nuestra Tribuna. [...] (*Nuestra Tribuna*, 15 out. 1923, p. 1).

A demora na entrega dos exemplares foi alvo de várias críticas de Juana Rouco, principalmente após a mudança da anarquista, e do *Nuestra Tribuna*, para Tandil, distanciando-se da repressão policial que tomava conta da cidade de Necochea. Fixada em Tandil, Rouco seguiu com a edição do periódico, independentemente da presença ou não de um grupo editorial, e distribuiu, a partir dessa cidade, os exemplares recebidos do folheto.

No dia 01 de maio de 1924, Juana Rouco publicou na primeira página do periódico *Nuestra Tribuna* sua opinião sobre a edição do folheto, reforçando, no início do texto, as evidências de atrasos significativos na preparação e posterior impressão dos seus escritos libertários. Ao produzir os escritos, a militante anarquista criou expectativas sobre como se daria a sua edição, aumentadas pelo conhecimento técnico acumulado por seu companheiro José Cardella, que era tipógrafo.

Resumidamente, Juana Rouco faz um elogio à capa do folheto e à escolha da alegoria, porém, contesta, com veemência, a qualidade da impressão, afirmando que ela e Cardella ficaram decepcionados com o trabalho do Editorial Lux, apontando falhas no material que lhe foi entregue: desbotado, torto, mal colado e mal costurados são alguns dos adjetivos usados para se referir ao folheto:

[...] Nosotros, que esperábamos la llegada de “Mis proclamas”, nitidamente impresa y bien presentada, cuando terminamos de ojear su edición nos quedamos completamente decepcionados. Esto no lo haría público, si no fuera por poner un corcho a la válvula de ciertos comentarios...De esto se habrán dado cuenta los compañeros de la Editorial Lux encargados de la impresión de “Mis proclamas”. De ahí que no debe molestarlos estas palabras que vierto sobre la pésima edición del folleto. [...] (*Nuestra Tribuna*, 01 mai. 1924, p. 1).

Na composição do folheto, foram publicados dois textos introdutórios que visavam fornecer ao leitor e à leitora informações sobre a autora do folheto. O primeiro, intitulado *Perfil de Mujer*, é assinado por Victor Yañez e apresenta uma breve descrição de Juana, destacando sua dedicação à causa, sua personalidade forte, livre e revolucionária, sempre consciente da necessidade de propagar o anarquismo intensamente. O segundo texto, assinado por Manuel Brea, de Havana, é nomeado de *Semblanzas Anarquistas*. Juana Rouco e se destina à apresentação de um perfil biográfico mais aprofundado, ressaltando a trajetória militante da anarquista.

No artigo em que contesta a qualidade da impressão, Juana Rouco Buena faz uma crítica a escolha do Editorial Lux de inserir, sem seu consentimento, a biografia escrita por Manuel Brea sobre ela. Segundo a anarquista, o texto reproduzido nas páginas iniciais do folheto já havia sido publicado no periódico espanhol *Tierra!*, de Coruña e não se encontrava dentro do planejamento editorial acordado entre a autora e o editor. De acordo com os

argumentos de Rouco Buela, mesmo que a intenção do Editorial Lux tenha sido positiva, a repercussão do perfil biográfico na Argentina não foi nada positiva.

O que deve ser destacado, nesse caso, são os conflitos e tensões dentro do movimento anarquista. Como o texto escrito por Brea faz uma exaltação clara, e até mesmo exagerada, da trajetória militante de Juana, sua recepção no anarquismo argentino, com tantos outros militantes, grupos, periódicos e centros, causou constrangimento na militante e em outros anarquistas, sobretudo, nas mulheres. Manuel Brea descreve Juana Rouco como uma líder do anarquismo, título e posição rechaçadas por todos, incluindo a própria. Além disso, o clima entre Juana e outros grupos, como os editores do jornal *La Protesta*, estava afetado por uma série de discordâncias e polêmicas, que mais tarde se acentuariam.

A distribuição do folheto também foi motivo de conflitos entre Juana Rouco Buela e o Editorial Lux, especialmente após o envio dos exemplares. Segundo ela, o acordo entre autora e editor, e conseqüentemente o valor pago, correspondia à impressão e envio para Argentina de 5 mil exemplares. Porém, por meio de uma nota publicada no dia 01 de junho de 1924 no *Nuestra Tribuna*, Rouco esclarece aos leitores que apenas estavam disponíveis para venda 1.600 exemplares, sem perspectiva de quando chegariam mais folhetos.⁵

Considerando-se todas as notas publicadas no *Nuestra Tribuna*, e mesmo em outros jornais, verifica-se a existência de diversas polêmicas e desgastes envolvendo a relação autora-editor, cujos acordos parecem não ter ficado plenamente esclarecidos, dando margem a questionamentos e discordâncias. A distribuição no Chile parece ter ocorrido sem problemas, sendo o folheto vendido pelo próprio Editorial Lux pelo valor de 0.40 pesos chilenos e incorporado à coleção do grupo.

Os escritos libertários que compõem o folheto possuem temáticas centrais, porém, em torno delas, existem temas secundários que lhes são correlatos: *Hermanitas*, escrita evocativa às mulheres exploradas; *¿Donde estan?*, questionamentos sobre as mulheres que não lutam; *Contraste*, ressalta as desigualdades de classes; *Voces Hermanas*, clama por uma reação das mulheres em socorro às mulheres oprimidas; *La Costurerita*, a importância da operária representada na figura da costureira, sempre sujeita à exploração; *Feminismo*, uma crítica ao feminismo sufragista e aos limites dos direitos políticos; *La Guerra*, crítica ao militarismo, armamentismo e à guerra; *A mis hermanas*, conclamando as mulheres para luta pela emancipação; *La carcel*, reflexão sobre as prisões e ausência de liberdade; *El canto de un explosivo*, reflexão sobre os eventos da Patagonia Rebelde e o assassinato de Kurt Wilckens; *Los mártires*, uma reflexão sobre a saga de liberdade de vários personagens históricos como Giordano Bruno, Ravachol e Radowitzki; *La Prostituta*, sobre a posição da prostituta na sociedade que a produz e a exclui; *La mendicidad*, exaltação à expropriação e uma crítica à pobreza sistêmica; *El cartel*, crítica aos quartéis, a vida militar e ao militarismo; *Rebelaos*, problematiza a subordinação da mulher e enfatiza a necessidade de sua rebelião; *Libertad*, uma chamada a marchar pela liberdade; *Mientras la tarde declina*, uma reflexão sobre a sociedade e a desigualdade social; e *Pueblo*, acerca da necessidade do despertar da consciência dos povos.

Regra geral, nessa escrita libertária de Buela, percebe-se certa erudição e cultura abrangente, que se expressam tanto na linguagem usada, quanto nas referências históricas e evocações literárias a que recorre em determinados artigos do folheto. Esses recursos podem indicar o alargamento e aprofundamento de sua formação ideológica, de sua formação militante, bem como sugerir a posição de destaque que possuía no interior da

⁵ O periódico *Ideas*, de La Plata, aliado do periódico *Nuestra Tribuna*, fez parte da estratégia de divulgação do folheto publicando anúncios com valores e indicações dos contatos para pedidos.

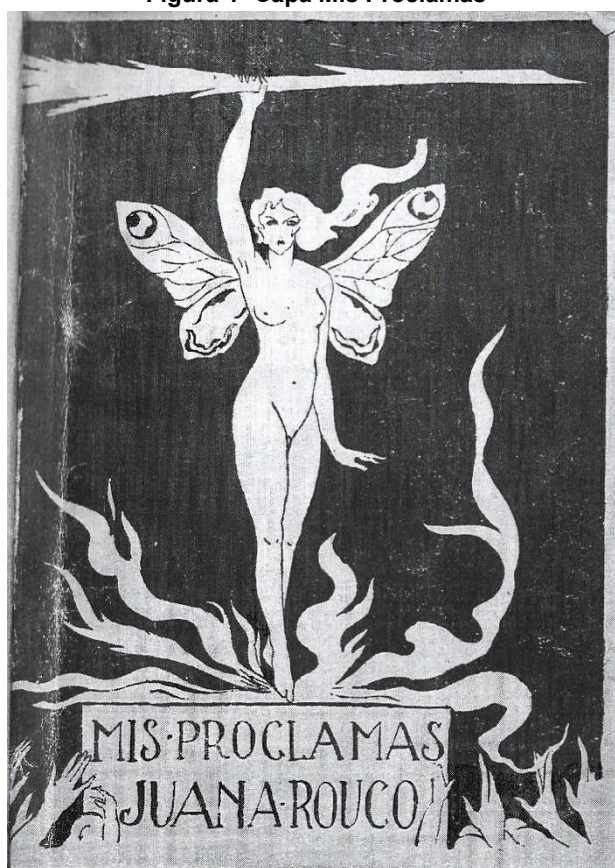
classe operária e mesmo do movimento anarquista.

A partir de uma dada referência de escrita, Juana encontrou o meio expressivo mais adequado à veiculação de sua mensagem, de modo a estabelecer um diálogo frutífero com a leitora, atingindo diretamente o ponto desejado: a propaganda do ideário anarquista. Nos textos, encontra-se a presença marcante da crítica social, do espírito inflamado e da preferência pela metáfora. O uso do diálogo na organicidade interna de alguns artigos e o tratamento fraternal dirigido às mulheres conferem um tom mais próximo e intimista na relação com a leitora, sem deixar de lado a conexão com o mundo concreto. Vamos analisar mais detidamente algumas características e artigos do folheto *Mis Proclamas*.

***Mis Proclamas*: publicação anarquista destinada à propaganda entre as mulheres**

Permitam-nos fazer breves comentários sobre a gravura que se encontra estampada na capa do folheto, pois ela é plena de significados. Trata-se de uma alegoria como meio de exprimir um pensamento sob forma figurada, centrada em uma figura feminina individual. Sabe-se que a figura feminina foi tomada como suporte de mensagens libertárias, manifestando-se enquanto alegoria para representar a Revolução, a Liberdade, a Anarquia (MARTINS, 2009, p. 120-121).⁶

Figura 1- Capa *Mis Proclamas*



Fonte: *Mis Proclamas*. Santiago/Chile: Editorial Lux, 1924

⁶ Sobre as representações do feminino nas páginas dos periódicos libertários que circularam no eixo Rio de Janeiro-São Paulo durante a Primeira República, consultar: MARTINS, 2006; MARTINS, 2009.

No folheto, a figura feminina aparece frontalmente no centro da imagem sobreposta em fundo preto dando vida ao jogo claro-escuro como recurso de expressão para melhor demarcar os aspectos luzentes e vivificantes da gravura. A mulher retratada é branca, jovem e vigorosa, cujo corpo, despido, emerge ante uma plateia da qual só se veem as mãos estendidas; mãos femininas que tentam alcançá-la, referenciando-a, simbolicamente, como a libertação. Com o semblante sério e a mão direita erguida por sobre a cabeça, a mulher segura uma espécie de pena, instrumento de escrita, revelando a disposição para usar a palavra impressa como arma de combate.

Apesar dos cabelos compridos e soltos, acompanhando o movimento caprichoso do vento, do corpo exposto, com seios firmes, a cintura e o baixo ventre francamente demarcados, os braços e pernas bem delineados, o corpo feminino, na gravura, não parece ter sido usado para despertar desejo sexual. Muito provavelmente, esta não era a intenção do gravurista nem dos editores do folheto, já que os libertários, em geral, condenavam a redução do corpo feminino à condição de mercadoria. O nu feminino possivelmente foi usado para expressar uma mensagem política de grande intensidade: o despojar-se do antigo em direção ao novo.

Com o pé direito um passo à frente do esquerdo, a mulher aponta com o hálux na direção do título do folheto — MIS PROCLAMAS — e de sua autora — JUANA ROUCO—, sugerindo a importância da leitura para despertar as consciências, de modo que a leitora se envolvesse na luta pelo ideal, a Anarquia, a partir de uma participação ativa no movimento anarquista.

Nessa estampa, portanto, a mulher representa, a um só tempo, a Liberdade e a Anarquia.⁷ No arranjo da cena, as asas de borboleta, que saem dos ombros da mulher, certamente assumem uma importância simbólica no conjunto da imagem. A borboleta nasce como resultado de uma transformação, que, por sua vez, simboliza um renascimento. Tal qual Fênix, que se renova das chamas, tornando-se símbolo da vida, a borboleta esvoaçante já foi usada como símbolo da chama tremulante, assumindo ideias simbólicas da luz, da vida. É a mulher, a liberdade, a Anarquia que dá vida⁸.

Ao abrir o folheto com essa gravura, a equipe do Editorial Lux associava à escrita libertária de Buela uma capa que servia de chamariz para as leitoras. Reforçava, desse modo, a mensagem política direta e explícita que se encontra nos textos que compõem o folheto, a qual procurava “exortar as mulheres a cristalizar o amplo voo em direção à perfeição e liberdade.” Desse modo, trabalhava-se para atingir as emoções da leitora, provocando reflexão, mobilização e, sobretudo, ação contra a exploração e opressão próprias do sistema capitalista e da ordem burguesa. Servia, portanto, para convocar as *hermanitas* à causa libertária.

As ideias apresentadas no folheto são muito vastas, sempre com um tom contestador, firme e provocador, sobretudo nos escritos que fazem alusões às mazelas sociais próprias do capitalismo. As desigualdades sociais e a pobreza sistêmica foram apontadas como razões geradoras dos conflitos entre as classes e responsáveis pela acentuação da exploração da mão de obra.

⁷ Na gravura observam-se elementos característicos das tradições plásticas e da iconografia da República e da Liberdade, marcantes inicialmente na França e, um pouco mais tarde, nos Estados Unidos, chegando, logo depois, aos países latino-americanos. Acredita-se que os franceses, por sua vez, apropriaram-se da tradição clássica, já que os “conceitos abstratos têm sido representados através da personificação desde a época da Grécia antiga, se não antes” (BURKE, 2004, p. 76).

⁸ Ainda que a gravura seja inspirada na tradição das imagens revolucionárias francesas, ela apresenta uma linguagem própria, centrada em sua temática e em sua mensagem, essencialmente sociais e revolucionárias, quando articuladas ao conjunto de textos que compõem o folheto.

Enquanto um sistema que se volta para obtenção da acumulação através do lucro, o capitalismo se alimenta, em uma essência mais selvagem, da exploração da mão de obra, provocando divisão e brutal desigualdade entre as classes. Ainda que se estimule a ampliação de um grupo consumidor que possa adquirir produtos feitos pelas grandes empresas, sabe-se que a capacidade de consumir é restrita no seio dos trabalhadores, que acabam privados de bens necessários à sobrevivência. A situação de pobreza e exploração dos trabalhadores, portanto, é necessária para manutenção dos privilégios de classe dos detentores do capital.

Para explicar a complexidade da exploração na lógica da acumulação e obtenção do lucro, Juana Rouco usa no texto *Contraste* o exemplo da loja inglesa Harrods, cuja sede de Buenos Aires era, então, a única filial no exterior. Voltada para o mercado de luxo, a loja foi fundada durante os eventos em comemoração ao Centenário da Independência, em 1910, atraindo um público muito restrito de uma cidade em contínuo conflito entre patrões e trabalhadores. A sede da Harrods era vista por Rouco Buela como uma representação da exploração no capitalismo, o monumental edifício é descrito pela anarquista como um belo reduto de arte e beleza, atraente para as senhoras da alta sociedade e exemplo do sangue e suor dos homens e mulheres trabalhadores.

É sintomático que Juana utilize a loja da Harrods como exemplo por três motivos: o primeiro, por ser a filial de uma loja de artigos de luxo europeia, cujo país sede promoveu a Revolução Industrial e inaugurou a *era do capital*; segundo, por ter sido inaugurada no ano do Centenário e se apresentar como ícone da modernidade argentina; e o terceiro, por se tornar símbolo das desigualdades sociais:

[...] Detente aqui. ¿Ves? Esta es la moderna construccion de Harrods. Esta es la peluquería, esta es la confitería, esta es la perfumería...y este es el sótano. ¡Ah, el sótano! ¿Has visto? ¡Cuánto arte, cuanta belleza; que paisajes, que dibujos! — Sin embargo, cuantas damas de la “alta sociedad” que vienen a esta fastuosa mansion a hacer sus compras, exclamarán al contemplar tanta belleza y obra de arte: —“¡Oh, la divina mano de nuestro dios creador!” —¡Oh, exclamaría yo!: la rústica mano proletaria que con gosta de sudor y de sangre construyó tanta belleza para diversion, para comodidad, para éxtasis y jolgorio de los potentados! [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 7).

Ao contrário do luxo e do glamour da loja da Harrods, que, segundo Juana Rouco, foram frutos da exploração dos trabalhadores, a autora apresenta em contraponto a lotação dos hospitais em Buenos Aires, enfatizando as doenças que afligiam os trabalhadores decorrentes da pobreza sistêmica gerada pelo capitalismo. Enfatiza as doenças que muitas vezes atingiam os trabalhadores. Sabe-se que tuberculose, malária, sífilis são típicas doenças que encontram nas condições insalubres de trabalho e na penúria da moradia, um fértil ambiente para se desenvolverem e cujo tratamento muitas vezes era descontinuado por conta do rigoroso regime de trabalho ao qual estavam sujeitos os trabalhadores.

Nessa questão de saúde, Rouco Buela não deixa de lado as mulheres. Destaca que elas, além de vítimas da dupla escravidão, exploração no espaço da produção e no espaço doméstico, ainda lotavam os hospitais com complicações e sequelas de abortos clandestinos, estimulados por seus companheiros ou realizados por conta do elevado número de filhos nas famílias menos favorecidas⁹:

⁹ Sobre a tuberculose e seu impacto nos trabalhadores na Argentina, ver ARMUS, 2007.

[...] Ahora detente aquí. ¿Ves? Esta es la inmunda, la antihigiénica sala de un hospital. Aquí está el dolor proletario: ¡La carne del taller y de la fábrica que sirve de escuela, de análisis y de aprendizaje para el hombre del magistral bisturí: el “señor doctor”. — He ahí los frutos de la democracia que gobierna al pueblo “soberano”. He ahí un perfecto cuadro de arte que nos ofrece la civilización burguesa. En la húmeda y tétrica sala de un hospital, hay un montón de carne obrera que representa el sello de la civilización imperante: la tisis, la tuberculosis, el paludismo, la sífilis; mujeres proletarias que atentan contra su propia vida con peligrosos abortos, para no aumentar su enclenque y famélica prole. [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 8).

Nesse mesmo artigo, Rouco Buela usa a expressão “ódio de classe”; uma expressão muito usada atualmente no debate das desigualdades, mas que, já nos anos 1920, foi usada pela militante para definir o que as divisões decorrentes do capitalismo geram na sociedade. É um ódio mútuo que se manifesta de modo diferente na classe burguesa e na classe trabalhadora: enquanto os burgueses desprezam os trabalhadores e os veem como mão de obra barata no processo de obtenção do lucro, esses odeiam a classe burguesa pela exploração e subjugação que experimentam em suas vidas. Para os anarquistas, como Juana ressalta, o ódio de classe tem mais serventia para os trabalhadores do que para a burguesia, sendo esse “sentimento” necessário para o alcance da pretendida Revolução Social:

[...] ¡Qué contraste! ¡Harrods: arte, belleza! ¡Olor a desinfectante, morfina y permanganato... ¡Desprecio! ¡Odio de clases! [...] Yo, como partícula de este dolor y de este contraste, completaré tu obra: la rebeldía y el dolor, el lodo y la miseria, el hambre y la sed de justicia de los menesterosos, presajian: ¡revolucion!, ¡revolucion!, ¡revolucion!, con una afirmación a flor de labios: ¡anarquía! He aquí mi proclama, cuya magnitud presaja la gran jesta. ¡Materialicemos la gran obra! [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 8).

Nos argumentos de Juana Rouco, o “ódio de classes” precisava ser incutido em cada um dos explorados da sociedade e transformado em energia revolucionária, inclusive nos invisibilizados socialmente, como os mendigos e prostitutas, o chamado “proletariado em farrapos”, nas palavras de Bakunin. Discutindo acerca da pobreza produzida pelo capitalismo, Rouco Buela interliga vários dos seus escritos, sempre se dirigindo, no início ou fim dos textos, às mulheres, e fazendo uma apreciação ampliada de questões muito penitentes no passado e no presente.

No texto *La mendicidade*, temos duas questões de relevância presentes: um estímulo à expropriação dos bens dos burgueses e a crítica à pobreza sistêmica, exemplificada na condição dos mendigos e na caridade como paliativo para essas questões. É possível identificar uma certa atualidade nesse escrito de Juana Rouco se pensarmos nas condições precárias que cercam a mendicância até hoje. A população de moradores de rua aumentou, consideravelmente, após o início da pandemia do novo coronavírus, que se iniciou em 2020. Estima-se que somente na cidade de São Paulo, Brasil, essa população tenha crescido cerca de 31% e que 3% desse total sejam de crianças entre 0 e 11 anos.¹⁰ Cem anos depois, o capitalismo segue mostrando sua face mais selvagem.

O argumento central de Juana Rouco Buela é que a mendicância é fruto da exploração capitalista, e que assim se realiza o processo de aquisição do lucro. Essa afirmação é chave para o desenvolvimento das ideias que permeiam os textos *Contraste* e

¹⁰ Dados disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/na-pandemia-quase-dobra-o-numero-de-familias-que-vivem-nas-ruas-de-sao-paulo.shtml> Acessado em 27 de janeiro de 2022.

La mendicidad, pois são análises que se complementam e contemplam outras explicações sobre as condições de vida de homens e mulheres trabalhadores. Vale destacar que, em sua análise, a autora se afasta da postura ideológica dominante, que se estrutura na noção individualista, na qual o indivíduo é tido como o único responsável por sua comiseração.

A questão da mendicância passa pela discussão do despertar das consciências que, segundo Juana Rouco, é indispensável para os anarquistas. O anarquismo, com sua proposta político-revolucionária, deseja assegurar a todos os homens e mulheres condições para que assumam a condição de “seus próprios destinos”; por isso, a centralidade em métodos de luta que estivessem ao alcance de todos:

La mendicidad es fruto de la explotacion y la avaricia capitalista. Cuanto mas el capitalismo clava sus garras en el cuerpo dolorido de la masa obrera, mas aumenta el número de mendigos, de enfermos, de inútiles, de seres defectuosos. El proceso del capitalismo se ha realizado y se realiza con el dolor y las lágrimas de los pobres, con la privación y la miseria de los hogares proletarios, con el esfuerzo constante de los esclavos que lo amasan (*Mis Proclamas*, 1924, p. 23).

Ainda nesse artigo, Juana critica o exercício da caridade, o qual era cancelado pela Igreja Católica e executado pelos burgueses. Segundo ela, a caridade gerava mais pobreza, favorecendo o capitalismo e o projeto de dominação através da religião. Para além disso, a caridade provocaria a falta de acesso dos mais pobres a outras possibilidades de vida, impedindo, inclusive, o acesso ao trabalho e à subsistência. A questão fundamental para Rouco é que as populações mais vulneráveis conseguissem, por meio do despertar das consciências, formas de reagir e sair de sua condição de privação, promovendo a expropriação dos bens dos burgueses:

[...] Subleva mi espíritu el sarcasmo que gasta la casta parasitaria con los menesterosos. Su excesiva injusticia y explotacion ha jenerado la mendicidad y a ella la alimentan con sobras y con el desprecio de su despótica mirada. Eso constituye un insulto y un escupitajo, para los explotados y los desposeídos. Despojar al ser humano del fruto de su trabajo, condenarlo a una vida de privacion y de miseria, y ofrecerle despues unas migajas de sus sobras en son de caridad, es el cinismo que gaston los satisfechos con los mendigos. ¡Es una ironia que produce náuseas a quien la comprende! [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 24).

Ainda sobre a caridade, Juana Rouco Buela considera que o alívio das consciências dos burgueses era uma das chaves para criação de espaços de sociabilidade destinado a esse público, com refeitórios públicos e datas de atenção específicas para essa população. O Estado, promotor de algumas dessas ações sociais, não tinha a intenção de investir com vistas à redução das desigualdades; por isso, incentivava tão somente práticas de caridades dos mais favorecidos:

[...] La caridad capitalista es abominable. Sus denteladas de lobos insaciables producen dolor y hambre, ruina y miseria, ignorancia y desesperacion. Y a ésta quieren poner reparos con reformatorios y con “Asilos” para los...“pobres”. Y las “señoras damas” de “beneficência” organizan días pomposos con lloriqueos de Cocodrilo, para recolectar unos centavos y “socorrer” a las pobres víctimas de sus avaricias y sus lujurias: la infancia inválida, la niñez “abandonada”, la mendicidad. Y cuando llega el día “del mendigo” cuando llega el día del pobre, todos, casi, contribuyen con su pequeno óbolo para aliviar la situación de esos residuos sociales, pero

bien pocos alcanzan a comprender o a investigar el orijen de la mendicidad. ¿No saben las “damas benéficas” y los capitalistas “caritativos” que ellos, unicamente ellos son los responsables y creadores de la mendicidad y de los “hijos de nadie”...la infancia abandonada?. [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 24)

O mendigo, desde o medieval, foi uma figura de importância para a sociedade cristã. A caridade a ele destinada era uma forma de libertação dos pecados, possibilitando aos favorecidos uma ligação mais próxima com o plano divino. Por isso, o mendigo era tolerável. Contudo, as transformações econômicas e sociais que levaram ao advento do capitalismo, alteraram práticas e representações sociais. Cada indivíduo passou a ter importância no sistema produtivo e aqueles que não conseguiam se inserir eram vistos como um “peso morto” na sociedade.

Concebida ideologicamente no contexto social, a mendicância, na modernidade, passou a ser considerada um antitrabalho e foi circunscrita como desvio censurado e estigmatizado. Nessa visão, o mendigo faz parte do problema de “desajustamento social” e é portador de um perfil que o caracteriza como parasita, louco, ocioso, preguiçoso e suscetível de ser subvertido por grupos radicais prontos a desestabilizar a ordem vigente.

Para Juana, que se destaca em *Mis Proclamas* por abordar um tema pouco discutido entre os anarquistas, o mendigo não é responsável por sua condição de exclusão. E nós vamos além: nem ele nem os grupos considerados “marginais” constituem “pesos mortos” no processo de acumulação capitalista; pelo contrário, além de comporem o exército industrial de reserva surgem no contexto urbano exercendo atividades adequadas ao próprio desenvolvimento do sistema.

Um outro tema abordado por Juana que merece ser aqui destacado é o feminismo. A oposição ao feminismo institucionalizado foi, desde o final do século XIX e início do XX, uma posição clara das mulheres anarquistas, debatida com menos ou mais intensidade a depender da conjuntura. Todas as experiências acumuladas pelas mulheres culminaram, na década de 1920, na ampliação das lutas políticas femininas, enriquecidas pela constante busca do direito ao voto e pela criação de ligas e centros que atendessem as demandas da nova época.

O crescimento da participação das mulheres no anarquismo não foi um movimento que ocorreu somente nesta corrente política. O socialismo e o liberalismo passaram a criar espaços de interação com as mulheres, perseguindo estratégias de inclusão de seus interesses nos seus programas ideológicos. Na Argentina, lugar onde Juana Rouco Buela militou com mais frequência, observou-se um crescimento significativo do movimento feminista na metade do século XX, sobretudo com a adequação do programa socialista a reformas institucionais que impulsionariam a obtenção do sufrágio feminino.

A ideia geral era de que as mulheres pudessem conquistar, por meio de leis e de cadeiras no parlamento, direitos como as oito horas de trabalho, descanso semanal remunerado, e o voto, o que as tornaria aptas a inserir-se nos parlamentos. O fato de desejarem a inserção no parlamento e aproximação com a política institucional não agradou às anarquistas, que fortaleceram suas críticas às feministas.

Juana Rouco, por exemplo, desde a participação no *Nuestra Tribuna* fez ferozes críticas ao movimento feminista, considerado burguês e reformista, rechaçado pelas mulheres anarquistas que acreditavam ser a revolução a única forma de se obter a emancipação feminina. As disputas entre as feministas e as anarquistas se acentuaram através do periódico *Nuestra Tribuna*, que funcionava como uma espécie de contraponto aos

periódicos feministas da época, a exemplo do *Acción Femenina*, e que eram ligados a partidos políticos e movimento liberais.

Não por acaso, Juana Rouco escreve e publica no *Mis Proclamas* o texto “Feminismo”, colocando o movimento feminista como um partido burguês destinado a conquista dos direitos políticos e participação político-eleitoral das mulheres. A questão do texto é como o feminismo se estruturou de forma a fortalecer o Estado burguês e suas instituições, como já concluiu em suas pesquisas Laura Fernández Cordero (2017), colocando as mulheres nos mesmos espaços dos homens, mas não necessariamente em nível de igualdade:

[...] las mujeres de esa fracción política feminista, proclamar a voz en cuello su participación en la política electoral. [...] el partido feminista persigue una finalidad exclusivamente interesada, por intermedio de la política electoral y parlamentaria; desea el partido feminista conquistar derechos civiles de la mujer que las prerrogativas de los hombres han conculcso desde el comienzo de la humanidad. [...] (*Mis Proclama*, 1924, p. 12).

A historiadora Dora Barrancos (1990), em sua pioneira pesquisa, aponta as disputas de projeto entre as anarquistas e as liberais, reconhecendo a aversão das anarquistas à ideia do sufrágio e da inserção feminina no jogo político-parlamentar. Sendo assim, Barrancos conceitua essa rivalidade como “contrafeminismo do feminismo anarquista”, uma noção que a princípio pode parecer confusa, mas que consegue explicar a diferença entre os projetos reformista e revolucionário e a recusa do termo feminista por parte de anarquistas como Juana Rouco Buela. É preciso dizer que “feminismo anarquista” não tem o mesmo significado que o conceito “feminismo” sozinho carrega; incorporando, portanto, todas as nuances que envolvem a luta das mulheres anarquistas, como o compromisso com a liberdade e igualdade para todas as mulheres, de todas as classes sociais.

Considerando os argumentos de Juana Rouco, notamos que a crítica foi direcionada às líderes do movimento feminista, que pertenciam às classes privilegiadas ou parasitárias, nas palavras de Rouco, reafirmando os motivos pelos quais as anarquistas rejeitavam ou se opunham ao movimento feminista da época. A descrença na representação partidária e a descentralização das ações políticas, como princípios anarquistas, afastavam os dois projetos, razão pela qual se evitava conferir ao movimento feminista o título de representantes das mulheres.

Juana Rouco Buela argumenta, em seu texto, que ocupar espaços destinados aos homens era um propósito muito frágil e que não resultaria no fim da opressão e exploração femininas e nem na injustiça social. O feminismo, na visão de Rouco, essencialmente burguês, não se preocupava com a mudança das mentalidades das mulheres, focando em reformas mais práticas e objetivas:

[...] Conquistar para la mujer los mismos derechos del hombre ante la ley y ante la política electoral, es una finalidad demasiado pobre para las mujeres que sabemos que hay que extirpar de mais la injusticia social que pesa sobre el alma femenina y sobre una clase productiva despreciada por el gobierno histórico. El feminismo es un partido político esencialmente burgues que persigue una finalidad interesada, al mismo tiempo que pervierte el corazon y la mentalidad femeninas con la política castradora. [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 12)

A militante Juana Rouco Buela, em vários momentos do artigo, faz uma comparação entre as ações das anarquistas e as ações das feministas. Ao apontar que as feministas

possuíam como instrumento a luta por reformas políticas, Rouco alega que as anarquistas tinham um projeto mais amplo, que envolvia a coletividade e a organização das mulheres, projetando a transformação das mentalidades e construindo, nas palavras da própria anarquista, uma cultura feminina:

[...] Y esto deben comprenderlo las mujeres obreras y las que no son obreras y esten poseídas de buenos sentimientos para laborar por el bien de la mujer, qué afiliarse a un partido político femenino es negar rotundamente su personalidad y contribuir para él egaño político de las colectividades femeninas. Agruparse, en cambio, en corporaciones culturales para hacer obra en pro de la cultura femenina que tanto hace falta en nuestros días; pulicar revistas, folletos, dictar conferencias ilustrativas tendientes a robustecer el cerebro lleno de prejuicios de la mujer y de la clase obrera; fomentar una opinion [...] seno del pueblo y de la colectividad femenina, es la obra que deben realizar todas las mujeres que estan dispuestas a luchar por el bien y el amor de la humanidad. [...] (*Mis Proclamas*, 1924, p. 13)

A experiência de Juana Rouco como operária, participante de movimento sindical, envolvida com a produção de periódicos e a participação em coletivos, aparece, nos textos, às vezes de forma sutil, em outras direta e claramente. Mas, em um ponto, seu compromisso com o ideal é indiscutível: a convicção de que a emancipação das mulheres só seria possível por meio do anarquismo e do seu caráter transformador. Isso contribuiu com a oposição das libertárias ao movimento feminista, criando um clima de disputa por mulheres que ainda não eram adeptas de nenhum dos lados. A luta pelo sufrágio cooptou as mulheres, fragilizando outros movimentos que visavam à emancipação feminina, indo muito além do exercício do voto.

Não se deve aderir ao que existe na tentativa de tentar “melhorar” a política existente, como já advertira Emma Goldman às sufragistas inglesas e estadunidenses. Era preciso trabalhar pela transformação radical das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais existentes. Era nisso, e por isso, que Juana e as/os anarquistas acreditavam e lutavam.

Algumas ideias finais

Juana Rouco Buela era já septuagenária quando se dedicou à sua produção autobiográfica, permitindo ao/à leitor/a conhecer a *história de um ideal vivido por uma mulher*. Lembremos, com Margareth Rago, que o gênero autobiográfico é tradicionalmente masculino e que ainda são raras as autobiografias de mulheres transgressoras engajadas em movimentos sociais e políticos (2013, p. 32; 34).

Nessa “escrita de si”, a *velha* Juana recorreu aos registros de sua memória, fragmentada, subjetiva e sempre “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9). Realizou uma operação retrospectiva, entrelaçando memória individual e memória coletiva em busca da vida que teve no seio da militância. Assim, foi tecendo ‘sua’ verdade, confrontando-se com contradições, descontinuidades, incoerências, tensões, próprias ao gênero autobiográfico. Em seu esforço, abriu a possibilidade de registro da experiência de uma mulher comum, imigrante, operária e anarquista. E mais: teve o mérito de conferir um rosto feminino à parte da história do anarquismo, a qual normalmente é narrada por homens, voltada aos homens e sobre a atuação masculina nos movimentos operário e anarquista.

Evidentemente, não se espera do relato autobiográfico de Buela uma reconstituição

exata do que se passou no âmbito da militância anarquista da qual participou e com a qual interagiu por cerca de sessenta anos em diferentes países e cidades. Sabe-se que tal registro é sempre incompleto e trespassado de contradições e incoerências. O que importa é perceber como Buela produziu o próprio “eu singular” para si mesma e para seus leitores, ordenando, rearranjando e significando o trajeto de sua vida (GOMES, 2004, p. 14-16).

Em sua trajetória, Juana Rouco dedicou-se, com especial atenção, à chamada *propaganda pela palavra*, usando-a de forma oral, em conferências e pronunciamentos variados, e escrita, com a redação de artigos para jornais e impressos diversos, como o folheto *Mis Proclamas*.

No que se refere às conexões entre os grupos anarquistas no corredor andino-platense, percebe-se, pelo próprio fato de o folheto *Mis Proclamas* ter sido editado por um grupo chileno, que as trocas e fluxos com os militantes de Buenos Aires e Montevideu eram constantes, tornando-se mais intensas e contínuas a partir dos anos 1920. É possível afirmar, portanto, que o Editorial Lux cumpriu papel fundamental na divulgação dos escritos de autoria feminina anarquista, editando e proporcionando amplas trocas entre os circuitos editoriais.

Em seu conjunto, os textos de Buela que integram o folheto *Mis Proclamas* possuem um caráter pedagógico e crítico ao mesmo tempo. O caráter pedagógico pode ser observado na medida em que são destinados à formação militante e à divulgação do ideário anarquista. Servem para inteirar a leitora do ideal libertário, provocar-lhe a revolta e despertar seu espírito de luta. O caráter crítico está posto no combate explícito à ordem burguesa e capitalista, mostrando as condições de exploração da maioria absoluta da humanidade, com destaque à opressão e à exploração femininas (MARTINS, 2013, p. 91).

Desse modo, os pequenos artigos têm a intenção de despertar a consciência dos indivíduos, sobretudo das mulheres, a quem se dirigem prioritariamente, e, ao mesmo tempo, fomentar o espírito revolucionário a partir de um duplo movimento: denúncia à luta de classes e seus desdobramentos; e exaltação à revolução, rumo à liberdade e à Anarquia.

Esperava-se, com isso, cooptar adeptos à causa anarquista, convencendo a mulher (e o próprio homem) a aderir à luta para converter a terra em espaço livre. Para tanto, era fundamental estimular o agir individual e o espírito coletivo capazes de destruir a ordem estabelecida e construir outra forma de organização social, a partir de uma ética orientada por formas mais livres e solidárias de existência.

Nesse sentido, a escrita libertária de Juana apresenta-se como dispositivo de combate, formação e mobilização, sendo explicitamente marcada por uma atitude de crítica político-social, de repúdio à autoridade opressora, ao Estado como sustentáculo do poder econômico, ao sistema capitalista explorador e à ordem burguesa hipócrita. A preocupação revolucionária aparece de forma determinante, assim como o compromisso com os ideais libertários.

Fontes

ARRATIA, Angelina. *El Comunismo en América*. Santiago: Editorial Lux, 1923.

Nuestra Tribuna. Necochea, Tandil e Buenos Aires, 1922-1925.

Panfleto do El Grupo para la Propaganda Internacional, circular nº 3, 1923.

ROUCO BUELA, Juana. *Historia de un ideal vivido por una mujer*. Madrid: La Malatesta Editorial, 2012.

ROUCO BUELA, Juana. *Mis Proclamas*. Santiago: Editorial Lux, 1924.

Referências

BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Editorial Contrapunto, 1990.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

DOMÍNGUEZ RUBIO, Lucas. Un itinerario por los proyectos editoriales del anarquismo en Argentina: câmbios, maniobras y permanencias. *Izquierdas*, Santiago/Chile, n. 33, p. 21-41, 2017.

FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. *Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 07-24.

HIRSCH, Steven. Peruvian Anarcho-Syndicalism: adapting transnational influences and forging counterhegemonic practices, 1905-1930. In: HIRSCH, Steven; VAN der WALT, Lucien. *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940*. Leiden/Boston: Brill, 2010, p. 227-271.

LAGOS MIERES, Manuel. *Lecturas subversivas: prácticas culturales desarrolladas en torno al mundo de la lectura entre los anarquistas de principios del siglo XX en Chile*. Santiago: Centro de Estudios Sociales Inocencio Pellegrini Lombardozz, 2014.

MARGARUCCI, Ivanna; GODOY SEPÚLVEDA, Eduardo. *Anarquismo en confluencia: Chile y Bolivia durante la primera mitad del siglo XX*. Santiago de Chile: Editorial Eleuterio, 2018.

MARTINS, Angela Maria Roberti. O segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael (orgs.). *História do anarquismo no Brasil*. vol. 2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 119-163.

MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias*. Anarquismo, imagens e representações. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

MARTINS, Angela Maria Roberti; KAUSS, Vera Lucia Teixeira. A poética libertária de Lirio de Rezende: arte e rebeldia. In: DUTRA, Robson; GRINSPUN, Mírian Paura S.Z.; NOVIKOFF, Cristina (orgs.). *Desafios da práxis educacional: interdisciplinaridade, estética e ética*. Salvador: Editora Pontocom, 2013, p. 69-95.

MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid Souza Ladeira de. As travessias de uma anarquista: Juana Rouco Buela e suas contribuições para o anarquismo internacional. In.: MENEZES, Lená Medeiros de; PAGNOTTA, Chiara (orgs.). *Itinerários Europa-América Latina: dos processos aos aportes biográficos (XIX-XXI)*. Rio de Janeiro: Ayrán/FAPERJ, 2019, p. 299-336.

MIGUELÁÑEZ MARTÍNEZ, María. *Más allá de las fronteras: el anarquismo argentino en el período de entreguerras*. Tese (Doutorado em História). Madrid: Universidad Autónoma de

Madrid, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo*, n. 10, p. 07-28, 1993.

PEÑA CASTILLO, Francisco. “Continuo runrunear de folletos, conferencias y diversos medios de propaganda revolucionaria”. Breviario sobre las políticas de edición anarquista em Chile (1900-1938). *Revista de la Academia*, Santiago, n. 31, p. 29-65, 2021.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (dir.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOUZA, Ingrid Souza Ladeira de. Uma odisseia anarquista: relatos de expulsão de estrangeiros no periódico La Protesta nos primeiros anos do século XX. *História e Cultura*, São Paulo n. 2, v. 10, p. 340-341, 2021.

Notas de autoria

Angela Maria Roberti Martins é doutora em História pela PUC-SP. Professora no curso de graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em História Política (PPGH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Prociência UERJ/FAPERJ. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História (LPPE/UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa NEPAN- Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Anarquismo e Cultura Libertária. E-mail: angelaroberti@gmail.com. Link ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5006-688X>

Ingrid Souza Ladeira de Souza é doutoranda em História Social da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Mestra em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UNIRIO). Bolsista CAPES- Modalidade II. Pesquisadora associada do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Anarquismo e Cultura Libertária. E-mail: ingridladeira@yahoo.com.br. Link ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6789-7893>.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid Souza Ladeira de. O folheto Mis Proclamas, de Juana Rouco Buela, a circulação de impressos anarquistas e a propaganda entre as mulheres. *Sæculum – Revista de História*, v. 27, n. 46, p. 137-160, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 30/01/2022.

Modificações solicitadas em 17/03/2022.

Aprovado em 08/04/2022.